

## REPORTAGEM ESPECIAL

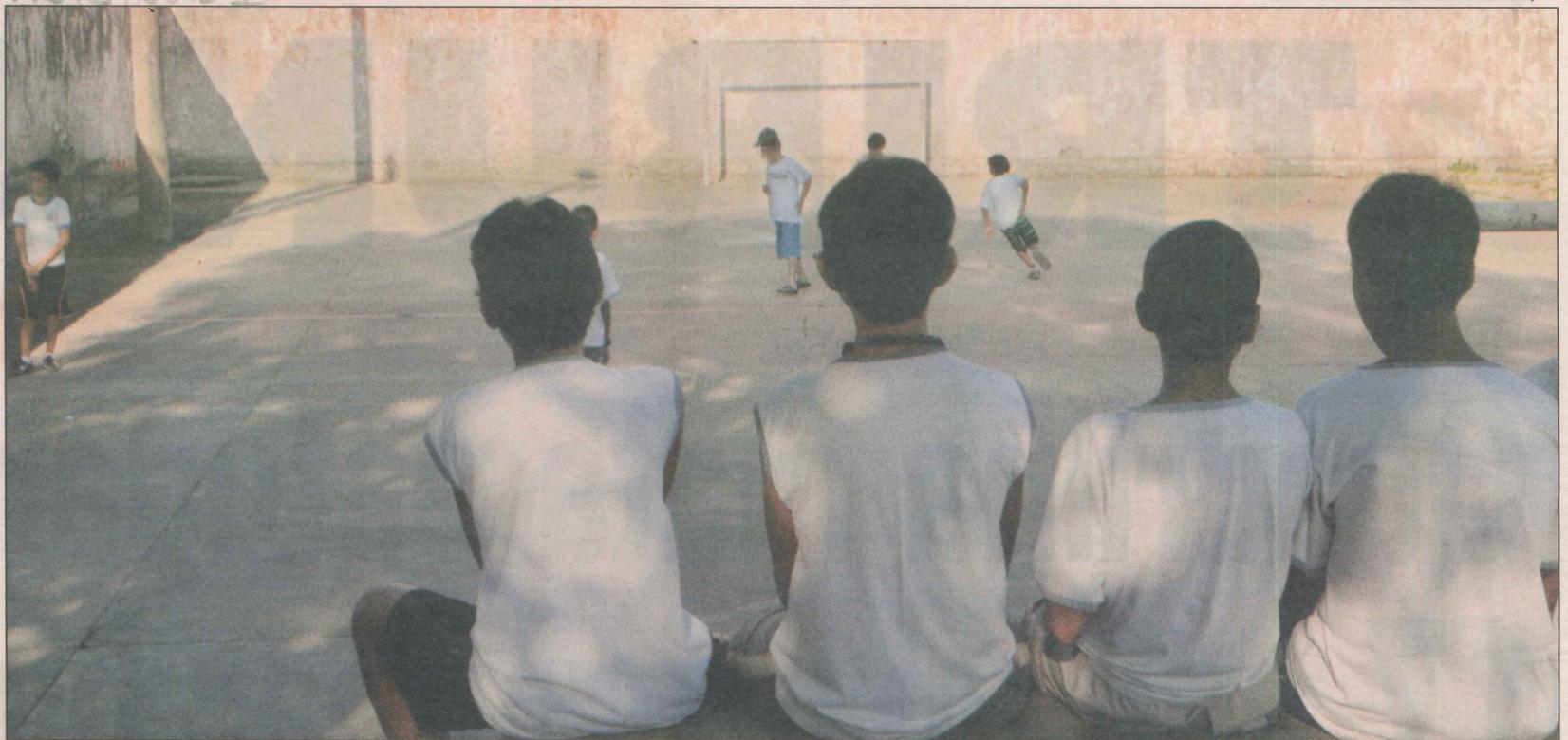
# Teste reprova escolas

BIANCA PIMENTA/AT

Reportagem de **A Tribuna** testou a segurança em 12 escolas estaduais e em 9 delas entrou sem dificuldades



ALINE NUNES  
ELIANE PROSCHOLDT



Em colégio estadual na Serra, a reportagem teve acesso ao pátio durante o horário do recreio e conversou com alunos

Um dia depois que a diretora Etevalda Sartório, da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Dr. José Moyses, em Santa Catarina II, região de Castelo Branco, Cariacica, foi baleada dentro do local de trabalho, a reportagem de **A Tribuna** fez um teste para saber se há falhas de segurança nos colégios estaduais na Grande Vitória.

A equipe percorreu 12 escolas, sendo que apenas em três não foi permitido o acesso. Nas demais, não existiu dificuldade. Quando o vigilante aparecia, bastava inventar uma história sobre vagas para o segundo semestre para a entrada ser liberada e, o pior, sem identificação.

Uma preocupação dos pais e moradores do entorno das escolas é que os portões liberados favorecem a investida de bandidos, sobretudo traficantes.

Em uma das escolas visitadas na Serra, a reportagem foi informada pela própria coordenação que a região é problemática, tendo vários alunos assaltados na portaria.

Além disso, são pedagogos e coordenadores que precisam controlar o acesso durante o dia na instituição, já que a vigilância é apenas noturna. Tanto que a reportagem entrou, fez fotos no pátio para, somente então, ser abordada.

Os portões abertos facilitam também o acesso de traficantes e o consumo de drogas. À tarde, na mesma instituição, um grupo de meninas se juntou num canto do pátio para fumar. Uma delas disse que não é apenas cigarro que os estudantes fumam.

Em outra instituição, em Vitória, a queixa dos próprios funcionários é que a vigilância está lá apenas para fazer a segurança patrimonial.

O secretário de Estado da Educação, Haroldo Corrêa Rocha, explicou que a vigilância particular realmente é destinada somente para fazer a segurança patrimonial, mas a presença deles nas escolas já ajudou a reduzir as ocorrências, de 233 em 2003 para 47, no ano passado. Neste ano, foram 20 casos até segunda-feira.

## O TESTE NAS ESCOLAS

BIANCA PIMENTA/AT



Nem sempre a presença do vigilante garante a segurança. Numa escola da Serra, o funcionário não estava em seu posto quando a reportagem de **A Tribuna** chegou à instituição. Além de passar pela portaria sem problemas, três alunas saíram do colégio, tiraram o uniforme e entraram num Gol para "matar" aula.

BIANCA PIMENTA/AT



Em outro colégio da Serra, a reportagem entrou, foi até o pátio onde estavam os alunos em horário de recreio, conversou com alguns deles e, somente então, a diretora se aproximou. Informada do assunto, ela lamentou não haver vigilância durante o dia no local e disse que até fugitivo de Novo Horizonte já entrou na unidade.

BIANCA PIMENTA/AT



Numa escola de Vitória, a portaria ficou sem vigilância por cinco minutos, tempo suficiente para que a reportagem de **A Tribuna** entrasse na instituição, fosse até a área onde estavam professores atendendo pais e circulasse pelo corredor. Na saída, o vigia não questionou a presença da equipe no local.

BIANCA PIMENTA/AT



No final da tarde de ontem, alunos de uma escola de Vitória jogavam vôlei no pátio e o portão estava aberto, sem nenhuma vigilância. A reportagem entrou, passou pelos estudantes, foi até a secretaria e perguntou sobre a segurança. Então, informaram que no intervalo dos turnos, às vezes o vigilante deixa o posto.

JUSSARA MARTINS/AT



Com o portão escancarado, a reportagem não teve dificuldades para entrar em uma escola de Vila Velha. A repórter se aproximou da janela, observou os alunos e professores na sala de aula. Depois, entrou na instituição, foi à secretaria, pediu para ir ao banheiro e, sem ser observada, andou pelo pátio e conversou com alunos.

JUSSARA MARTINS/AT



Numa escola de Vila Velha, aparentemente o portão estava encostado, mas o cadeado estava aberto. A repórter entrou, sendo recepcionada por um vigilante e, sem se identificar, teve acesso à secretaria. Foi ao banheiro e, no recreio, ficou entre os alunos. Para sair, pediu ao vigilante, que olhava os alunos jogando dama, para abrir o portão.

JUSSARA MARTINS/AT



Olhando de fora, parecia que não seria fácil ter acesso a uma escola de Vila Velha, já que ela é gradeada, tem interfone, guarita e vigilante. Mas bastou a repórter interfonar e pedir para entrar na secretaria, que a porta se abriu. Depois, pôde ir ao banheiro e assim circulou pela escola. Na saída, o vigilante estava de cabeça baixa.

JUSSARA MARTINS/AT



Bastou chegar a uma escola de Cariacica para se deparar com um portão aberto. No pátio, um homem fazia a limpeza com uma vassoura, cabisbaixo e alheio ao que acontecia. A repórter entrou, passou por outros portões, conversou com alunos e foi embora. Acompanhada da fotógrafa, voltou repetindo as cenas, sem ser abordada.

JUSSARA MARTINS/AT



Sem saber que estavam falando com a reportagem, alunos de uma escola de Cariacica diziam: "Pode entrar". Na escola, um vigilante informou que a secretaria só iria abrir às 19 horas. A repórter pediu para ir ao banheiro e conseguiu, assim, andar pelos corredores e falar com alunos. Minutos depois, saiu, se despedindo do vigia.

Obs.: Os nomes das escolas não estão sendo divulgados para preservar a segurança dos alunos e equipe pedagógica, considerando que bandidos poderiam se aproveitar da fragilidade das instituições para praticar crimes.

# Reforço com catracas e câmeras

Para reforçar a segurança nas escolas, a Secretaria de Estado da Educação (Sedu) vai colocar catracas eletrônicas, interfonos e câmeras de monitoramento nos colégios. Os equipamentos começam a ser instalados em 60 dias.

Foram selecionadas 10 escolas na Grande Vitória, entre as quais a Doutor José Moysés, onde a diretora Etevalda Sartório foi baleada, para que sirvam como piloto da experiência tecnológica.

A escolha dos colégios, segundo o secretário Haroldo Corrêa Rocha, se baseou no número de ocorrências registradas nessas unidades e em seu entorno. Conforme os resultados, a proposta é expandir o uso dos equipamentos para outras 71 escolas da região metropolitana que estão em áreas consideradas de risco.

"As 81 escolas que hoje funcionam com vigilância 24 horas são prioridade nesse trabalho", destacou Haroldo Corrêa.

A primeira etapa será a distribuição de carteiras estudantis magnéticas, que deverão ser apresentadas a um funcionário para entrada na escola. A idéia é criar uma rotina de utilização do documento e,



só depois, instalar as catracas. De toda maneira, haverá sempre uma pessoa na portaria para controlar o acesso.

Outro recurso que será utilizado é o interfone com portão eletrônico. Se algum visitante chegar à escola, ele deverá acionar o interfone para se comunicar com a coordenação e o portão poderá ser aberto eletronicamente. Caso a pessoa não seja conhecida da instituição, o funcionário vai até a portaria para recebê-la.

Também vão ser instaladas câmeras de monitoramento remoto, ou seja, as imagens são registradas na escola, mas a gravação vai automaticamente para uma base fora da instituição. "É uma maneira de evitar que alguém queira roubar o que foi gravado", justificou Corrêa.

As câmeras vão ser colocadas em áreas com grande circulação de pessoas, como a portaria, corredores, pátio e quadras poliesportivas.

## Ações para reduzir crimes

Nas escolas da rede municipal, a atuação da Guarda, em Vitória, e da Patrulha Escolar, em Vila Velha, tem colaborado para reduzir a criminalidade.

Em Vila Velha, o patrulhamento reduziu em 100% as ocorrências de atos ilícitos, especialmente drogas e armas, se comparado com os casos ocorridos antes da implantação do projeto, em 2001, garantiu o assessor técnico de Segurança da Secretaria Municipal de Educação, Edmar Barbosa Júnior.

Casos pontuais ainda ocorrem, como brigas entre colegas

e furtos nas salas de aulas. "São oito agentes de segurança, divididos em quatro equipes, que trabalham das 7 às 22 horas, horário das aulas. A rede hoje conta com cerca de 45 mil alunos, distribuídos em 89 escolas", destacou.

Em Vitória, já são 59 escolas que contam com o apoio da Guarda Municipal. O Grupoamento Escolar dispõe de 53 servidores, entre agentes, inspetores e militares, no atendimento direto às instituições. Mas outras unidades que, eventualmente, necessitem do trabalho também usufruem do serviço.

## Sindicato critica segurança

A insegurança nas escolas foi criticada pelo secretário de Comunicação do Sindicato dos Trabalhadores da Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes), Swami Cordeiro Bérnago.

Ele contou que muitos professores não falam sobre o problema com medo da exposição e, conseqüentemente, de sofrer represálias. Outros, no entanto, pedem transferência para outra instituição por medo.

No segundo semestre, o sindicato vai fazer um levantamento ouvindo professores, que vão relatar os problemas do dia-a-dia.

O município escolhido para iniciar a pesquisa foi a Serra.

"Hoje, ser professor é uma profissão de risco, especialmente em regiões que são controladas ou têm grande influência do tráfico de drogas. Na escola sempre existe um educador falando da criminalidade, o que não agrada quem está no crime", disse.

Swami lamentou o fato ocorrido com Etevalda Sartório, diretora da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Dr. José Moysés, em Santa Catarina II, Cariacica, e teme que outros casos ocorram.



José Tenes, marido da diretora baleada, disse que não sabia de problemas da mulher com alunos

## "Não quero que ela fique na escola"

Com medo que sua mulher pas-se novamente por um atentado, o motorista José Tenes do Nascimento, marido da diretora Etevalda Sartório, baleada dentro Escola Estadual Doutor José Moysés, em Cariacica, disse que não quer que ela volte a trabalhar no colégio.

"Não quero que ela continue naquela escola. Sabemos que o bairro é perigoso, mas não dá para trabalhar assim", disse José, na porta da Clínica dos Acidentados, onde Etevalda está internada.

Ela passou por uma cirurgia no fêmur na tarde de ontem para que fosse implantado um pino, já que o tiro fraturou o osso. A diretora passa bem.

**A Tribuna - Como está sua mulher?**

**José Tenes do Nascimento** - Todos estamos sofrendo muito com tudo isso que está acontecendo, mas ela está bem. É muito difícil. Ela sempre foi uma pessoa muito dedicada ao trabalho. Ainda bem que não foi pior.

**- O senhor acredita que ela pode ter sofrido alguma represália por causa do trabalho que faz na escola?**

- Ela é muito dedicada e não gosta de bagunça. Trabalha para os alunos desde 1988, quando entrou para o Estado como professora. Etevalda trabalhava em Linhares, em Córrego Rodrigues,

e viajava todo dia 75 quilômetros para dar aulas.

Ela é diretora da escola em Cariacica há três anos. Sei que ela faz muito trabalho para levar os meninos para a quadra da escola. Ela se dedica e aí acontece isso.

**- A família do ex-aluno acusado do crime disse que a diretora tinha problemas com ele? É verdade?**

- Se ela tinha algum problema com aluno, nunca me falou. Eu nunca quis me envolver.

**- E agora?**

- Eu não quero que ela fique mais naquela escola. Mas se ela decidir continuar, vou ter que respeitar a decisão dela.

## Rixas por trás do atentado

A família de Iozéias Andreat Batista, acusado de ter atirado contra a diretora Etevalda Sartório, disse que rixas antigas entre a educadora e o jovem podem estar por trás do atentado.

"Meu irmão é tranqüilo. Não sei porque aconteceu isso. Ele já tinha uma rixa com a diretora há muito tempo. Ela o xingava de Patoré e Alejadinho porque ele tem uma deficiência em um braço", disse a irmã do ex-aluno, Gilciani Andreat Batista, 22 anos.

O pai de Iozéias, José Gilson Batista,

contou que chegou a registrar duas queixas na polícia contra a professora por causa da forma como ela o tratava na escola na época em que ele estudava na instituição onde Etevalda é diretora. Iozéias tem três irmãos e todos moram na mes-

ma casa, perto da escola.

Já a superintendente Estadual de Educação, Eucalina Sartório, desconhece qualquer tipo de agressão verbal feita por sua irmã: "Sei que há três anos houve uma desavença com o pai de Iozéias por causa de uma camisa de uniforme. Minha irmã chamou a polícia, o pai foi denunciado à Justiça".

Ela contou ainda que sua irmã passa bem, está lúcida, depois de uma cirurgia que durou uma hora e meia. A bala não foi

REPRODUÇÃO/ORKUT

retirada.



Iozéias em foto no Orkut

À frente das investigações, o delegado adjunto da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Cariacica, Arthur Luiz Bogoni, disse que foi decretada a prisão temporária de Iozéias por 30 dias. No Orkut do acusado, a polícia encontrou uma foto dele segurando uma arma.

## DRAMA



"Minha irmã está com a perna muito inchada e reclamando de dores. Ela sempre teve um relacionamento muito bom com os alunos. Etevalda simplesmente pediu para que o ex-aluno não entrasse no colégio e depois ele voltou armado e fez o que fez".

**Superintendente Estadual de Educação Eucalina Sartório, irmã da diretora baleada em escola.**



"Minha irmã está muito chocada com tudo isso, até porque nunca teve problemas. Ainda bem que ela não corre risco. No máximo em dois dias Etevalda terá alta e não vai ficar com seqüelas. Mas depois ela vai ter de ficar 30 dias em recuperação. Se o tiro que a atingiu de raspão tivesse acertado mesmo a minha irmã, poderia ter sido fatal".

**Supervisora de vendas Dulcinele Sartório, irmã da diretora.**